Young & Rubicam
Um pneu que dura mais e economiza combustível

não poderia causar outra reação.

P3000 Energy. Onde economia é performance.

Acaba de chegar ao Brasil o mais novo conceito em pneu: P3000 Energy. A partir de um revolucionário composto de materiais e de um desenho exclusivo, o P3000 Energy tem uma durabilidade 15%* maior que os pneus standard e economiza mais combustível. Essas melhorias fazem dele um pneu ecologicamente correto. E, com tantas vantagens, podemos dizer que o P3000 Energy é muito mais que um pneu. É um investimento.

*Considerando padrões normais de dirigibilidade.

POTÊNCIA NÃO É NADA SEM CONTROLE.

Colecionador de glórias

O alemão Beckenbauer reinventou a posição de líbero no futebol e mostrou ser em campo o imperador da raça

FRANZ BECKENBAUER não fez história apenas como o genial alemão colecionador de títulos. O "Kaiser" (Imperador, em português) foi, acima de tudo, um inovador. Com talento e garra, ele reinventou a posição de líbero no futebol. Mostrou ao mundo que era possível ter na equipe um mesmo jogador que se posicionasse atrás dos zagueiros e pudesse sair jogando como um maestro. A categoria era a sua marca registrada, mas Beckenbauer surgiu para o mundo da bola revelando outros predicados. Em sua primeira Copa, em 1966, fez 4 gols e foi o vice-artilheiro da Alemanha. Quatro anos depois, mostrou que era também o imperador da raça. Na Semifinal contra os italianos, no México, jogou com o braço imobilizado devido a uma luxação na clavícula. A Alemanha perdeu o jogo e a recompensa só viria na Copa seguinte. O privilégio de levantar a taça após a vitória contra os aparentemente invencíveis holandeses só poderia ser dele: Beckenbauer. O "Kaiser" era um símbolo da Seleção, mas foi vestindo a camisa de clubes que empilhou a maior parte de seus troféus. E tome títulos: cinco campeonatos alemães, pelo Bayern de Munique e pelo Hamburgo, quatro Copas da Alemanha, um Campeonato Mundial Interclubes. Não satisfeito com o desempenho, resolveu mostrar que sua visão de jogo funcionava tão bem no campo quanto no banco de reservas. Em duas Copas do mundo como técnico, Beckenbauer chegou a duas finais. Na primeira, na Copa do México, esbarrou em Maradona. Na segunda, contra a mesma Argentina, na Itália, não houve jeito. Mais uma taça para a incrível coleção do "Kaiser". Depois do brasileiro Zagallo, ele foi o segundo homem do mundo a vencer uma Copa como jogador (1974) e outra como treinador (1990).

Beckenbauer: categoria era sua marca registrada

Beckenbauer

Nome: Franz Beckenbauer
Data de nascimento: 11/9/1945
Local de nascimento: Munique (Alemanha)
Times em que jogou: Bayern Munique (1965 a 1977), Cosmos (1977 a 1980), Hamburgo (1980 e 1981) e novamente Cosmos (1983)
Títulos: Campeão alemão pelo Bayern (1969, 1972, 1973, 1974) e pelo Hamburgo (1982); campeão da Copa da Alemanha (1966, 1967, 1969 e 1971), da Recopa Européia (1967), da Copa dos Campeões (1974, 1975 e 1976), Mundial Interclubes (1976) pelo Bayern; campeão norte-americano pelo Cosmos (1977, 1978 e 1980); campeão europeu (1972) e mundial (1974) pela Seleção Alemã.

PARTICIPAÇÃO NA SELEÇÃO
Jogos: 103
Gols: 14
Copas do Mundo: 1966, 1970 e 1974

Cruyff: craque foi chamado de "Pelé Branco"

LEMYR MARTINS

O cérebro da Laranja

Cruyff, o camisa 14 da Holanda, organizava o time e encontrava espaço para arrancadas espetaculares

O MAIOR JOGADOR DA HOLANDA de todos os tempos só andava bem acompanhado. Na Copa de 1974, Johan Cruyff e sua turma protagonizaram uma das mais ricas experiências que o futebol já viu. Parceiro de Rep, Rensenbrink, Neeskens e outros mais, Cruyff era um dos cérebros da "Laranja Mecânica", apelido da Seleção Holandesa. O outro, o técnico Rinus Michels, montou o esquema em que jogadores corriam em todas as direções, deixando os marcadores transtornados. Mas a alma daquele time vice-campeão da Copa da Alemanha era mesmo o dono da camisa laranja 14. Meia ofensivo, ele organizava o time e encontrava espaço para arrancadas espetaculares. Cruyff chegou a ser chamado de "Pelé Branco" e passou toda a década de 70 colecionando títulos. Pelo Ajax, papou um tricampeonato europeu, conquistado para o espanto do Velho Continente, que não conhecia o elegante louro. Em 1974, transferiu-se para o Barcelona, ganhou de cara o campeonato espanhol, conquistou para sempre a torcida vermelha e azul. Tanto que foi contratado para dirigir o Barcelona numa época em que o Real Madrid era o papa-tudo da Espanha. Como técnico, Cruyff foi quatro vezes campeão espanhol e montou uma equipe com estrelas como Stoichkov, Romário e Koemann. Cruyff sempre gostou de andar bem acompanhado.

Cruyff

Nome: Hendrik Johannes Cruyff
Data de nascimento: 25/4/1947
Local de nascimento: Amsterdã (Holanda)
Times em que jogou: Ajax (1966 a 1973), Barcelona (1973 a 1978), Los Angeles Aztecs (1978 e 1979), Washington Diplomats (1979 a 1981), Levante Valencia (1981) e novamente Ajax (1982 a 1984)
Títulos: campeão holandês (1966, 1967, 1968, 1970, 1972, 1982, 1983 e 1984), da Copa da Holanda (1967, 1970, 1971, 1983 e 1984), da Copa dos Campeões (1971, 1972 e 1973), da Supercopa Européia (1972 e 1973) e Mundial Interclubes (1972) pelo Ajax; campeão espanhol (1974) e da Copa da Espanha (1978) pelo Barcelona
PARTICIPAÇÃO NA SELEÇÃO
Jogos: 48
Gols: 33
Copas do Mundo: 1974

A força do Galinho

Zico esbanjou profissionalismo nos 25 anos de carreira. A falta de um título pela Seleção Brasileira foi a única pedra na sua chuteira

Zico: os adversários pareciam todos japoneses

ARTHUR ANTUNES COIMBRA atravessou os últimos 25 anos como se fossem 90 minutos de uma partida contra o Bonsucesso ou o Olaria. Do franzino garoto que estreou em partidas oficiais pelo Flamengo, em julho de 1971, até o elegante craque que se despediu dos gramados pelo Kashima Antlers, pouca coisa mudou.

Por todo esse tempo, Zico esbanjou profissionalismo, fez o diabo com a bola, tratou seus marcadores sempre da mesma forma: quem o acompanhou nessa trajetória sabe que, ao seu lado, os adversários pareciam todos japoneses. Os números não mentem. Foram seis campeonatos cariocas pelo Flamengo, quatro brasileiros, uma Libertadores da América, um Campeonato Mundial Interclubes e um título japonês pelo Kashima.

As imagens apenas confirmam as marcas. É impossível esquecer pérolas como o gol de falta contra o Cobreloa, que garantiu a Libertadores de 1981, ou a constrangedora seqüência de dribles curtos que terminou em gol de placa no amistoso Brasil 4 x Iugoslávia 2, em 1986. A Seleção Brasileira, aliás, foi a pedra na chuteira do maior jogador brasileiro das últimas décadas. Foram quatro tentativas de conquistar uma Copa do Mundo, três como jogador e uma como Coordenador Técnico. Na primeira, em 1978, faltou time, condição física e amadurecimento. Quatro anos mais tarde, sobrou talento, Zico estava fisicamente perfeito, mas a equipe não resistiu à trinca estádio Sarriá/Itália/Paolo Rossi. Em 1986, novo drama. Com o joelho esquerdo em condições precárias, o camisa 10 venceu todas as dificuldades, driblou a atrofia muscular e perdeu outra vez para o destino. Depois de entrar no segundo tempo contra a França e fazer o lançamento perfeito que originou o pênalti sobre Branco, ele foi o escalado para a cobrança. A bola foi para as mãos do goleiro Bats e o Brasil acabaria eliminado. Zico não se deu por vencido e virou o marcador adverso. Depois de duas boas temporadas no futebol italiano, voltou para o Flamengo, conquistou o brasileiro de 1987 e preparou o terreno para a conquista do Oriente.

Zico

Nome: Artur Antunes Coimbra
Data de nascimento: 3/3/1953
Local de nascimento: Rio de Janeiro (RJ)
Times em que jogou: Flamengo (1972 a 1983), Udinese (1983 a 1985), novamente Flamengo (1985 a 1990) e Kashima Antlers do Japão (1990 a 1994)
Títulos: Campeão Carioca (1972, 1974, 1978, 1979, 1979 - Especial, 1981 e 1986), Brasileiro (1980, 1982, 1983 e 1987), da Taça Libertadores (1981) e Mundial Interclubes (1981) pelo Flamengo; campeão japonês pelo Kashima Antlers (1993)

PARTICIPAÇÃO NA SELEÇÃO
Jogos: 93
Gols: 67
Copas do Mundo: 1978, 1982 e 1986

"Platini é a França"

O genial francês enchia de entusiasmo quem o via em ação

ELE JOGAVA FUTEBOL POR PURO PRAZER. "Às vezes prefiro um simples treino a uma partida valendo dois pontos", chegou a afirmar em meados da década de 80. Platini sempre foi assim. Encarava o futebol como uma diversão e enchia de entusiasmo quem o via em ação. Principalmente os franceses. Com Platini vestindo a camisa 10, a França ganhou a Copa Européia de Seleções de 1984. *Monsieur Plus*, como era chamado, comandou a equipe e fez gols decisivos, como os dois da vitória por 2 x 1, na decisão contra a Espanha.

"Platini est la France", passaram a afirmar mundo afora, insinuando que o camisa 10 estava para a Seleção assim como Napoleão Bonaparte estava para a França do século XVIII. "O futebol é um esporte coletivo", dizia o craque, dividindo os méritos. Verdade ou mentira, Platini levou a França a duas Semifinais de Copas do Mundo seguidas: em 1982 e 1986, ambas contra a Alemanha.

Assim, não demorou para que o craque chegasse ao milionário futebol italiano, mais precisamente à Juventus de Turim, a quem retribuiu com o inédito título de Campeão Mundial Interclubes, em 1985. Pela Juventus outra vez foi símbolo de uma época dourada, em que a *Vecchia Signora* ganhou tudo o que disputou.

Quando o prazer acabou e as pernas já não acompanhavam mais seu raciocínio de gênio, Platini decidiu se arriscar na carreira de técnico. Teve relativo sucesso e levou a França a uma invencibilidade de dezoito partidas. Os bons resultados fizeram os franceses sonharem com o bi europeu em 1992. Dentro de campo, porém, Platini não encontrou alguém capaz de substituir sua genialidade. A luta pelo título terminou com uma precoce eliminação na Primeira Fase da Eurocopa e o craque saiu definitivamente de campo, para cuidar da organização da Copa do Mundo de 1998. Na Final contra o Brasil, em julho passado, Platini mandou o protocolo às favas e vestiu a camisa da França por baixo do terno. Vibrou como nunca com os 3 x 0 e com o primeiro título mundial francês.

Platini: chamado pelos franceses de *Monsieur Plus*

ALLSPORT

Platini

Nome: Michel Platini
Data de nascimento: 21/6/1955
Local de nascimento: Joeuf (França)
Times em que jogou: Nancy (1972 a 1979), Saint-Etienne (1979 a 1982) e Juventus da Itália (1982 a 1987)
Títulos: Campeão francês pelo Saint-Etienne (1981), da Copa da França pelo Nancy (1978); campeão italiano (1984 e 1986), da Copa da Itália (1983), da Recopa Européia (1984), da Copa dos Campeões (1985), da Supercopa Européia (1984) e Mundial Interclubes (1985) pela Juventus; campeão da Eurocopa pela França (1984)

PARTICIPAÇÕES NA SELEÇÃO
Jogos: 72
Gols: 41
Copas do Mundo: 1978, 1982 e 1986

o estilista da bola

Com seu futebol elegante, Falcão conquistou o Rio Grande do Sul, depois o Brasil e ainda se tornou o "Rei de Roma"

Falcão: benção do Papa e beijo de Ursula Andress

J.B. SCALCO

PAULO ROBERTO FALCÃO SEMPRE FOI UM ESTILISTA. Quando surgiu, em meados dos anos 70, não deixava dúvidas de que era um legítimo representante do futebol gaúcho. Jogava com a mesma raça do companheiro Caçapava, o mesmo vigor do colega Batista. Mas o meia-cancha dos cabelos de anjo tinha algo mais. Além de disposição, sobrava elegância e categoria. Foi de olho na batuta de Falcão que o diabólico esquadrão colorado conquistou o bicampeonato brasileiro (1975 e 1976) e o octacampeonato gaúcho (1976), provocando sofrimento e dor naquela metade do Rio Grande do Sul que torce para o Grêmio. Por um mistério tão insondável quanto a renúncia de Jânio Quadros, o técnico da Seleção Brasileira, Cláudio Coutinho, não levou o anjo louro para a Copa da Argentina. Falcão ficou aborrecido, mas evitou polêmica.

A chance veio quatro anos mais tarde, na Espanha. Não fosse o endiabrado Paolo Rossi, teria sido Falcão o herói daquele ano. Quando o time perdia por 2 x 1 para os italianos, ele parou na entrada da área e, num átimo, quase muda a história da Copa. Em vez de passar para Toninho Cerezzo, que berrava pela bola, Falcão partiu para o centro da área e venceu o goleiro Zoff. A Itália venceu Falcão, porém não demorou muito tempo para o craque dar o troco. Contratado com a missão de tirar o Roma da fila de 41 anos sem títulos, Falcão se encarregou da façanha. À frente de uma equipe apenas razoável, ele deu o *scudetto* à fanática torcida e se tornou o "Rei de Roma". Impressionado com o milagre, o papa pediu sua bênção e até a atriz Ursula Andress beijou a mão de Sua Majestade.

Falcão

Nome: Paulo Roberto Falcão
Data de nascimento: 16/10/1953
Local de nascimento: Xanxerê (SC)
Times em que jogou: Internacional (1973 a 1980), Roma (1980 a 1985) e São Paulo (1985 e 1986)
Títulos: Campeão Gaúcho (1973, 1974, 1975, 1976 e 1978) e Brasileiro (1975, 1976 e 1979) pelo Internacional; campeão italiano (1983) e da Copa da Itália (1981 e 1984) pela Roma; campeão paulista pelo São Paulo (1985)
PARTICIPAÇÃO NA SELEÇÃO
Jogos: 38
Gols: 8
Copas do Mundo: 1982 e 1986

o fenômeno argentino

Gols, lançamentos, cabeçadas inesquecíveis fizeram de Maradona um dos maiores craques dos últimos tempos

Maradona: grandes jogadas e muitas confusões

DESDE OS 16 ANOS, QUANDO ENCANTOU O MUNDO do futebol no Mundial juvenil de 1979, no Japão, Diego Maradona foi obrigado a conviver com marcação especial. Por "especial", entenda-se botinadas, puxões e um espaço para jogar que pode ser medido em centímetros. Apesar de tudo, *"El Pibe d'Oro"* fez tanto pelo futebol mundial e, em especial, pelo argentino, que seu nome ficará marcado como o fenômeno dos anos 80/90. Foram gols, lançamentos, cabeçadas inesquecíveis. Mas o que ficará na memória dos torcedores para sempre serão as jogadas imprevisíveis e os títulos improváveis que Maradona deu aos times dos quais vestiu a camiseta. Como esquecer a Copa do Mundo de 1986 no México e o gol contra a Inglaterra, quando ele driblou meio time antes de colocar a bola na rede? Na Copa de 1990, mesmo lesionado, Maradona comandou o medíocre time argentino que chegou à Final contra a Alemanha. No Napoli, ele foi campeão italiano em 1987, fazendo dupla com o brasileiro Careca.

O Maradona dos gramados era assim: simplesmente genial. Já o Maradona da vida real era um homem de gênio difícil. No início da carreira, brigou com o técnico Cesar Luiz Menotti, que prescindiu do seu talento no Mundial da Argentina. Anos depois mostrou que criava confusões com a mesma naturalidade com que fazia suas grandes jogadas. Foi flagrado na Itália pelo antidoping, usando cocaína; preso na Argentina por porte de drogas; atirou em jornalistas com espingarda de chumbinho; e, para coroar, abandonou a Copa de 1994 de mãos dadas com uma enfermeira americana após mais um caso de doping. A patética cena, no entanto, marcará menos na memória do que a fantástica canhota do homem que entrou para a história arrasando, com marcações especiais.

Maradona

Nome: Diego Armando Maradona
Data de nascimento: 30/10/1960
Local de nascimento: Lanus (Argentina)
Times em que jogou: Argentinos Juniors (1976 a 1980), Boca Juniors (1981 e 1982), Barcelona (1982 a 1984), Napoli (1984 a 1991), Sevilla (1992 e 1993) e Newell's Old Boys (1994)
Títulos: Campeão argentino pelo Boca Juniors (1981); campeão da Copa da Espanha pelo Barcelona (1983); campeão italiano (1987 e 1990), da Copa da Itália (1987) e da Copa da UEFA (1989) pelo Napoli; campeão mundial pela Argentina (1986)

PARTICIPAÇÃO NA SELEÇÃO

Jogos: 85
Gols: 33
Copas do Mundo: 1982, 1986, 1990 e 1994

copa 74

A derrota do Carrossel

Os holandeses pareciam invencíveis. Até que enfrentaram os donos da casa na Final

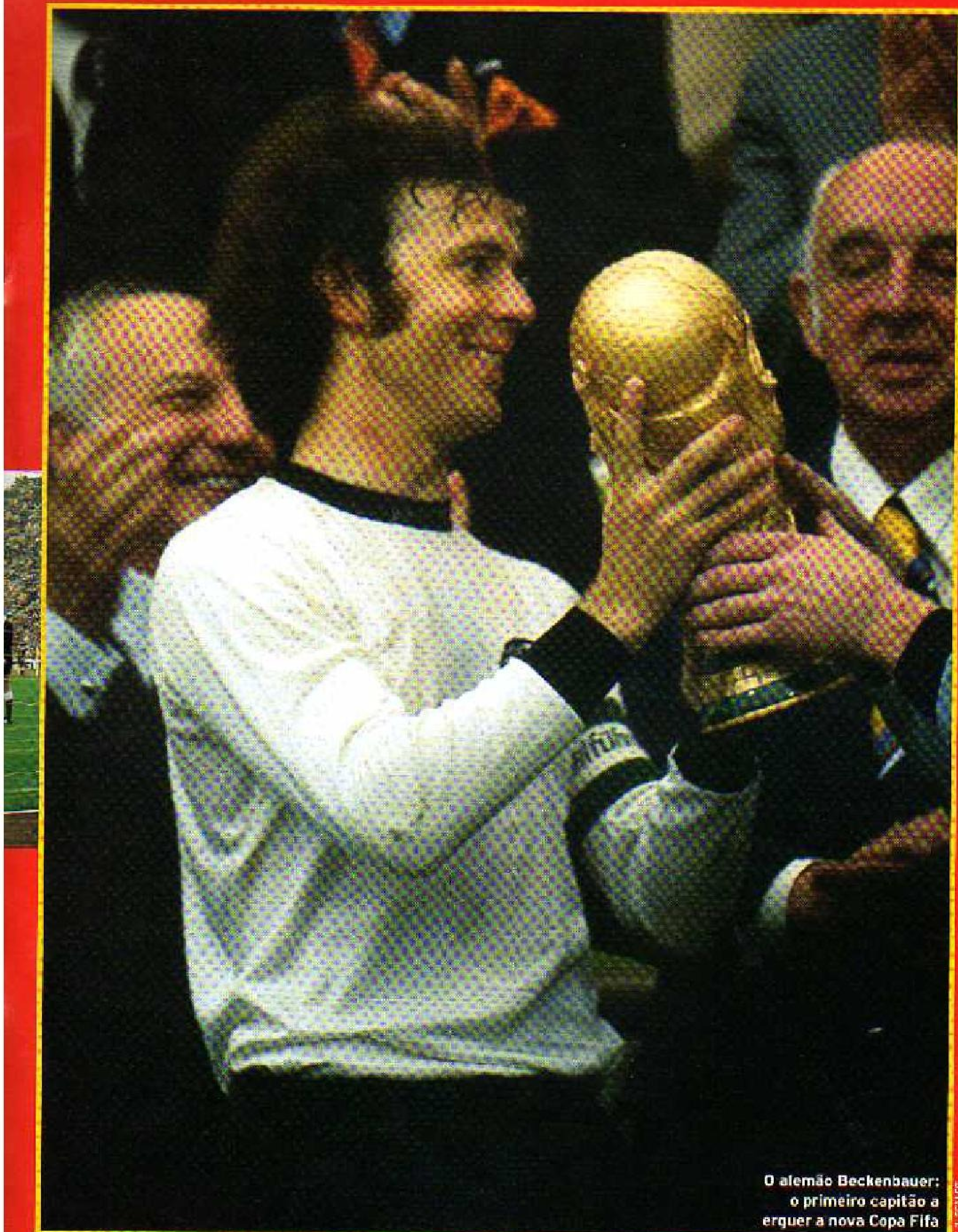
Cruyff, da Holanda: gols, assistências e uma liderança inata

INTERCONTINENTAL PRESS

Gol de Neeskens na Final: a Holanda saiu na frente, mas perdeu de 2 x 1 para a Alemanha

NEM BEM A COPA DE 1974 CHEGARA ÀS SUAS FASES DECISIVAS E JÁ SE DISCUTIA SE JOHANN CRUYFF ERA MESMO O NOVO REI DO FUTEBOL. Todos estavam estupefatos com a Seleção Holandesa e seus jogadores, que pareciam estar em todos os lugares do campo ao mesmo tempo. Os zagueiros atacavam, os atacantes defendiam e o meio-campo... Onde era mesmo o meio-campo desse time? Na verdade, só havia um centro no "Carrossel Holandês" e ele usava a camisa 14. Aos 27 anos, Cruyff, o meia do Ajax, comandava sua Seleção com gols, assistências e a liderança inata, que o ajudaria mais tarde numa vitoriosa carreira como técnico.

O Brasil estreou com dois empates sem gols, contra a Iugoslávia e a Escócia. Derrotou o Zaire e passou para as Quartas-de-Final. Então, venceu a Alemanha Oriental e a Argentina. Quando parecia que iria engrenar, a Seleção virou cobaia dessa revolução tática no jogo que decidiu quem iria para a Final. Nossa Seleção repetiu o figurino de outras partidas e ficou lá atrás, na expectativa de um milagre de Jairzinho ou Valdomiro, lá na frente. "Podemos fazer um suco de toda essa imensa laranja", disse Zagallo antes da partida. As esperanças do técnico brasileiro ruíram com os gols de Neeskens e, para variar, de Cruyff. "Naquele jogo fiz de tudo para ser expulso com Cruyff", confessou o lateral Marinho Chagas. "Cuspi nele, passei a mão, mas nada. O homem era frio, não reagia." No fim, o Brasil ficou num melancólico quarto lugar, depois de perder também para a Polônia. Foi o pior futebol apresentado por uma Seleção Brasileira nas Copas. Pela primeira e única vez, o Brasil conseguiu a façanha de marcar, em média, menos de um gol por partida.

Quanto à Holanda, o título parecia a conseqüência natural para aquele futebol fenomenal. Faltou avisar os alemães. Sem empolgar ninguém, a não ser os próprios torcedores, os donos da casa anularam o "Carrossel" com disciplina tática e uma marcação ferrenha. Ao final, 2 x 1, o título ficou com o capitão Franz Beckenbauer. Ele foi o primeiro jogador a erguer a nova Copa Fifa. O gol do título pôs o atacante Gerd Müller no topo da lista dos maiores goleadores da história das Copas, somando todas as participações. Em dois Mundiais, ele marcou 14 gols (10 em 1970 e 4 em 1974). Depois disso, a revolução holandesa nunca mais foi vista em campo.

O alemão Beckenbauer: o primeiro capitão a erguer a nova Copa Fifa

Campeão sob suspeita

Para chegar à Final e conquistar o seu primeiro título, a Argentina goleou o Peru numa partida bastante polêmica

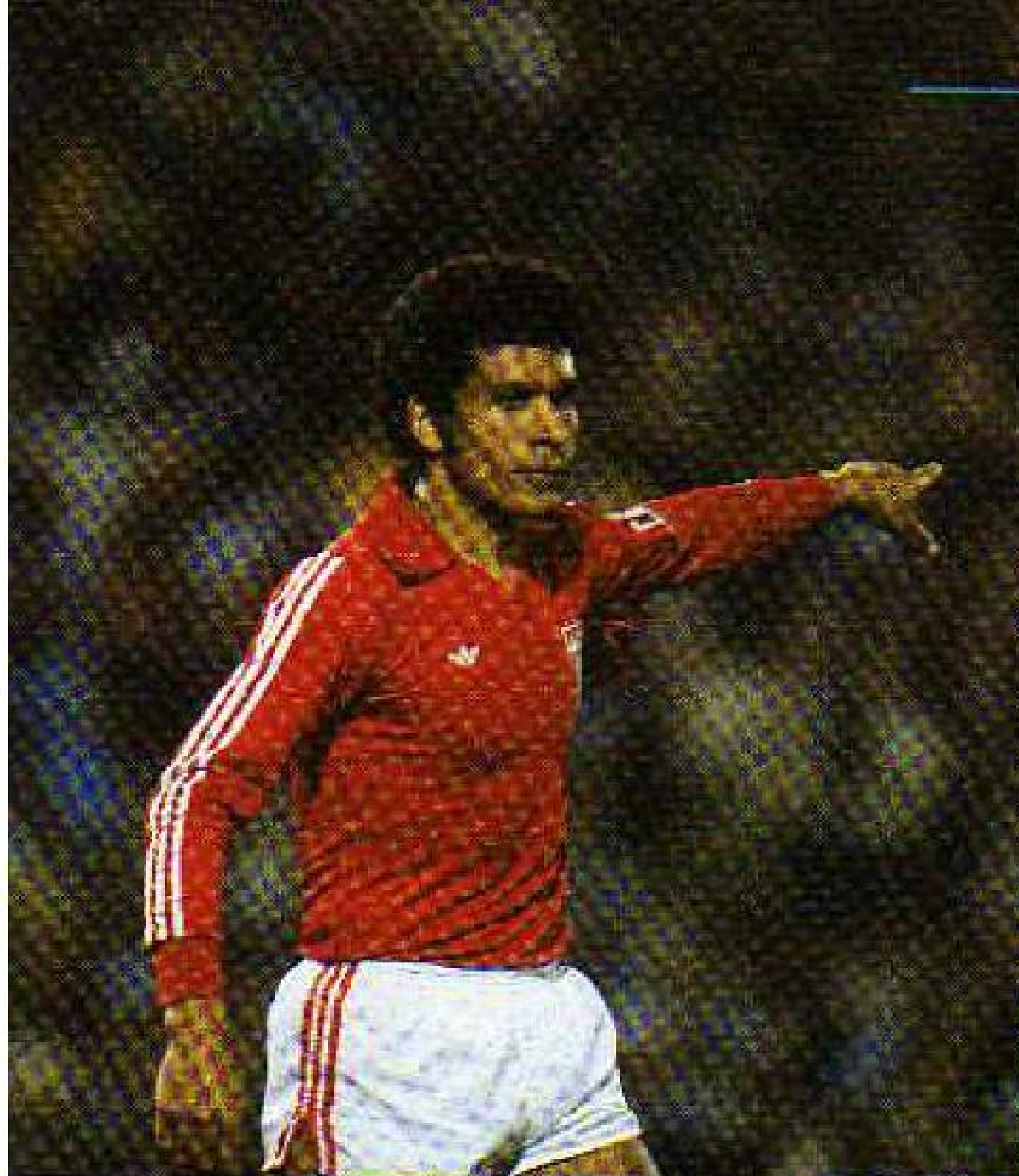
COM PASSARELA, KEMPES E FILLOL, A ARGENTINA venceu a Holanda por 3 x 1 na Final do Mundial de 1978. Foi um jogo empolgante, resolvido apenas na prorrogação, depois de um empate de 1 x 1 no tempo normal. Aos olhos do técnico da Seleção Brasileira, Cláudio Coutinho, e de muitos conterrâneos, essa não foi a partida que realmente decidiu a Copa. A sorte fora lançada quatro dias antes, quando a mesma Argentina venceu o Peru e tomou a vaga do Brasil na Final. Com um bom saldo de gols e invicto, o Brasil só não iria para a decisão se os donos da casa vencessem o Peru por uma diferença mínima de quatro gols. Pois os argentinos fizeram 6 x 0 com a mais suspeita benevolência dos peruanos, que mal se esforçavam para ir atrás da bola. Um jogo claramente vendido, segundo Coutinho, que auto-intitulou o Brasil de "campeão moral" da Copa de 1978. "Não ponho as mãos no fogo por ninguém", declarou Héctor Chumpitaz, jogador do Peru. "Mas estou convencido de que o time, como um todo, perdeu aquela partida de maneira limpa. Com a minha experiência, teria percebido se algum de meus companheiros não estivesse dando tudo para ganhar." Até hoje, o brasileiro Rivelino pensa diferente: "O Peru poderia perder, mas jamais de goleada. Ficou claro que alguém pagou alguma coisa".

Na verdade, o terceiro lugar foi muito para o que o time brasileiro apresentou. Com uma boa defesa, um meio-campo apenas razoável e um ataque inepto, o Brasil acabou tropeçando pelas fases da Copa.

Final Holanda x Argentina: jogo empolgante

Craques não faltavam. Tínhamos Cerezo, Rivelino, Nelinho, Zico e Dirceu. O que não havia era um comando claro no banco. Coutinho chegou antes da hora. Em 1981, mais experiente, montou um supertime no Flamengo, mas em 1978 ninguém entendeu o que ele queria. Deixou Falcão no Brasil e levou para a Copa o truculento Chicão, que entrou na partida contra a Argentina para fazer dupla com o viril Batista. Edinho (quarto-zagueiro de origem) foi, pela primeira vez na vida, utilizado como lateral-esquerdo. O lateral Nelinho passou a atacante. Dos 22 jogadores que viajaram para a Argentina, somente quatro (Leão, Oscar, Amaral e Batista) participaram de todas as sete partidas do Brasil na competição.

Argentina 6 x Peru 0: os peruanos não se esforçaram para ir atrás da bola

Brasil 0 x Argentina 0: Coutinho criou a expressão "campeão moral"

Kempes comemora o primeiro gol da prorrogação: a Argentina começa a ganhar a Copa

A tragédia de Barcelona

O Brasil apresentou um futebol espetacular, mas acabou derrotado pela Itália, do carrasco Paolo Rossi, que terminaria com o título

FERNÃO MARTINELLI

BRUNO CORREU PARA OS BRAÇOS DE ZICO, que o abraçou forte e lhe deu três beijos. Depois, virando o rosto para Sandra, sua mulher, cruzou com ela um silencioso olhar de desolação. Não havia nada a dizer. O saguão do Estádio Sarriá, em Barcelona, ainda estava cheio de gente, mas o que se via eram apenas policiais de gestos espantados e jornalistas de rostos pálidos que tentavam encontrar alguém que respondesse a uma pergunta sem resposta: por que perdemos?

Naquele momento, quando o mais sufocante calor do verão ainda castigava a capital da Catalunha, Paolo Rossi passou correndo por Zico, sem sequer notá-lo, com um sorriso tão grande que seu rosto parecia ter crescido. Atrás dele, outros jornalistas também lhe faziam uma pergunta sem resposta: *Come ha fatto l'Italia a battere il Brasile?*

Na verdade, havia uma solução aparentemente simples para o enigma de uma tragédia que atingira o futebol brasileiro com o impacto surpreendente de um soco desferido à traição. Ela talvez tenha sido dada um pouco antes pelo treinador Telê Santana, ao transformar em dolorosas, realistas palavras o sentimento de perplexidade que tomara conta dos jogadores, das 40 000 pessoas presentes à partida e, sobretudo, do povo brasileiro: "Não somos imbatíveis. Eu sempre soube que no dia em que cometêssemos falhas, e essas falhas fossem aproveitadas pelo adversário, nós perderíamos. Infelizmente, isso aconteceu agora diante da Itália".

Outro caminho podia ser buscado no desabafo que, afinal, Zico não conteve, enquanto segurava pelas mãos seus dois meninos, Júnior e Bruno — pela primeira vez, desde que haviam deixado o Rio de Janeiro para ir ver, ao lado da mãe, o pai ser campeão do mundo, eles não conseguiam mostrar a ninguém uma alegria que de certa forma sintetizava nas últimas semanas a felicidade de todas as crianças brasileiras. "Não soubemos aproveitar a vantagem do empate, talvez porque sejamos acima de tudo um time ofensivo."

Ou, quem sabe, a chave de tudo não estivesse sendo descoberta por Toninho Cerezo, em cuja face quase chorosa estampava-se a terrível máscara da derrota? "Os brasileiros estão sofrendo tanto quanto nós, mas acho que eles viram que não tivemos a sorte que os italianos tiveram", repetia melancólico.

Enfim, é possível que a razão, afinal, fosse a de Falcão que, como um galo ferido, mantinha a postura de um bravo que não abaixa a cabeça no instante definitivo da verdade: "Sempre que tentávamos fazer a Itália entrar no nosso ritmo, eles chegavam a outro gol. Perdemos todos nós. Mas é preciso que vocês tenham claro que essa derrota deve ser esquecida, porque haverá novas Copas nas nossas vidas".

Sim, novas Copas, novas emoções, novas vitórias. Infelizmente, porém, o mundo maravilhoso do futebol registrará para a eternidade, como um inexorável marco dramático, o 5 de julho de 1982 — dia em que a melhor, mais criativa e mais corajosa Seleção deste campeonato se viu batida por um azarão que, em uma semana, alcançou a quase impossível transição da mediocridade para o heroísmo.

Esse jogo, sem dúvida, entrará para a história do esporte como uma exemplar exibição de técnica, de arrojo, de força e de superação. "Nosso time é superior ao deles", lembrou Oscar, que nos cinco encontros espanhóis não cometeu sequer uma falha visível a olho nu. "E, no entanto, perdemos. Por um certo nervosismo, principalmente nos dez minutos

Paolo Rossi, o 20 da Itália, liquida o Brasil: carrasco da alma nacional

iniciais, por azar, por erros nossos e acertos deles, sei lá. Mas o fato é que perdemos e não nos resta a oportunidade de recuperação."

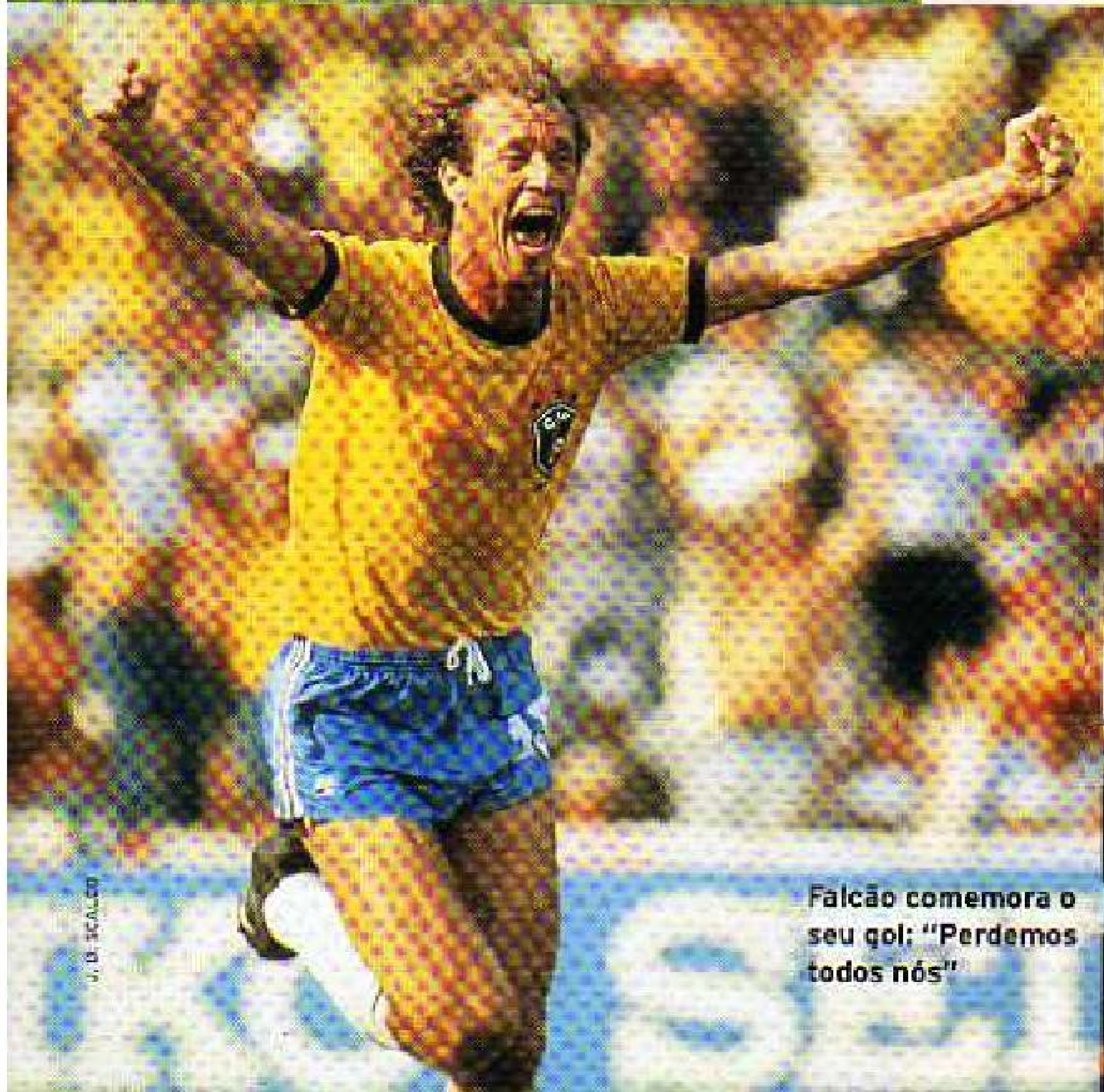
Culpar Leandro, que permitiu o cruzamento de Cabrini no primeiro gol, logo aos 4 minutos? Ou Cerezo, que errou um passe bobo no segundo? Ou a defesa inteira, que não pôde cortar a bola vinda na cobrança de escanteio no terceiro? Ou Serginho, que desperdiçou oportunidades preciosas até que tardiamente substituído por Paulo Isidoro? Ou Éder, meio impotente ante a corretíssima marcação individual de Oriali?

Dentro desse raciocínio — encontrar responsáveis por um acidente, grave mas ainda assim acidente — seria igualmente possível fazer do esplêndido e eterno Zoff, do magnífico Tardelli, do empolgante Cabrini ou do brilhante Paolo Rossi (autor dos três gols da Itália) carrascos da alma nacional.

Foi exatamente essa a contribuição da Seleção Brasileira para o futuro do futebol. "Fizemos o que deveria ser feito", resumia Telê os seus dois anos de trabalho, "e desejo sinceramente que, de agora em diante, com a ajuda de técnicos, de dirigentes, de jogadores, da imprensa e da torcida, façamos sempre a bola correr dentro de campo."

Que nunca mais, então, se jogue tão somente em função de um 0 x 0; que se abandonem as retrancas, que se abomine a covardia e que se pense em futebol como uma manifestação da arte brasileira — mesmo que o preço de acreditar numa profunda convicção seja dilacerante como o 5 de julho.

Porque assim, em 1986, quando tiver 7 anos e começar a entender melhor a vida e um de seus maiores prazeres — o gosto de vibrar num estádio ensolarado — o pequeno Bruno Coimbra dividirá seu sorriso com cada menino que hoje chora no Brasil.

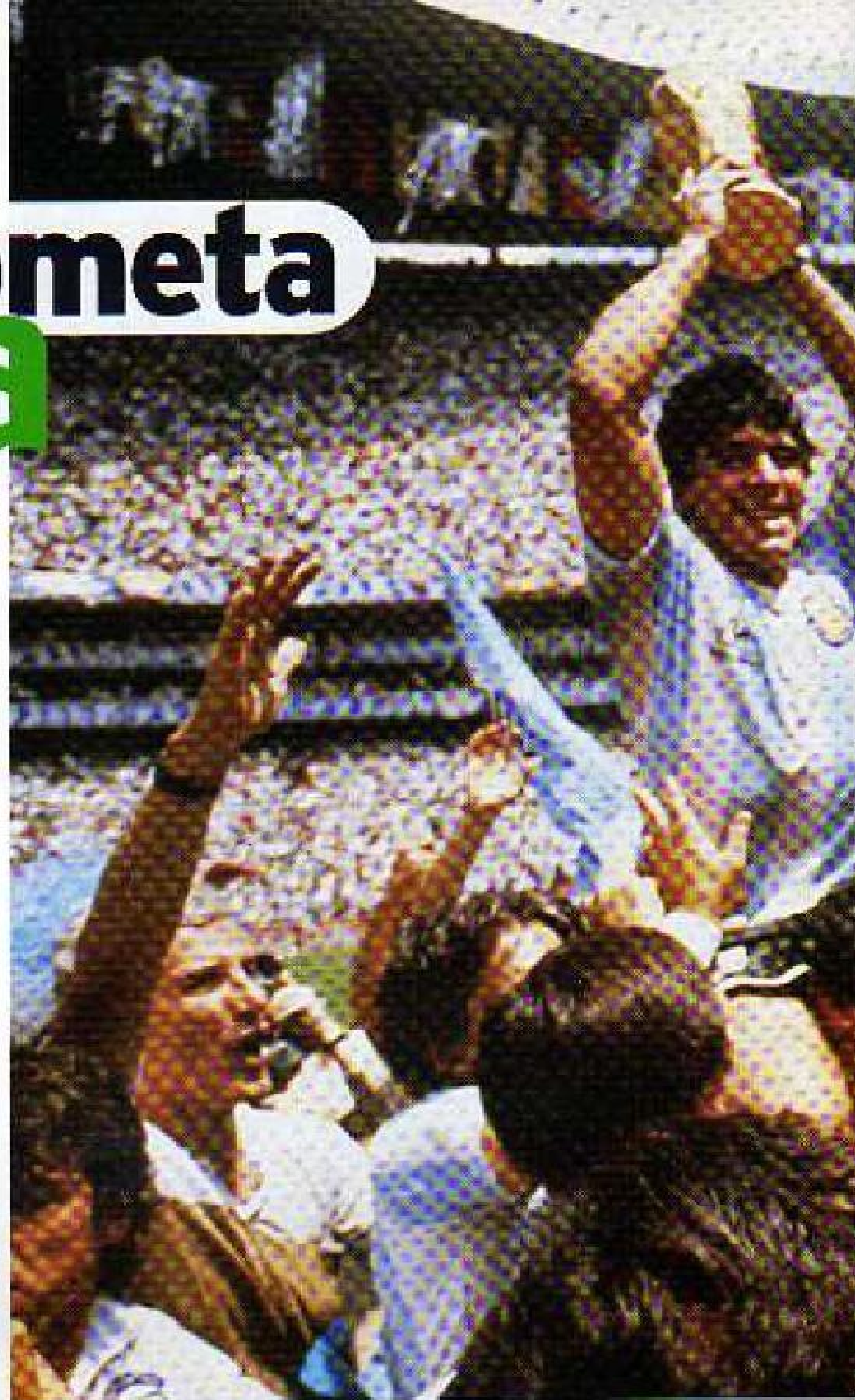
Itália campeã: "Sorte"

Falcão comemora o seu gol: "Perdemos todos nós"

O cometa Maradona

A Copa do México consagrou o camisa 10 argentino e o Brasil, que trocou o brilho pela segurança, foi derrotado nos penâltis

UM ZICO FRIO, AINDA COM A CAMISA SECA, que acabara de entrar na partida, se apresenta para cobrar o pênalti. Um gol e o Brasil estaria na Semifinal da Copa. O "Galinho" bateu com classe, colocado, no canto esquerdo, a meia altura. O goleiro Bats voou e espalmou a alegria brasileira. Com o mesmo 1 x 1 no marcador, a partida vai para a prorrogação e, depois, para os penâltis. Michel Platini, camisa para fora do calção, meias arriadas, beija a bola e se prepara para a cobrança. Mais uma vez, a sorte trai o craque. A bola passa por cima, muito além do travessão de Carlos, o arqueiro do Brasil. Era um breve fio de esperança que se desfaria nos pés do atacante francês, Fernandez. O Brasil estava fora da Copa.

A Seleção levada ao México ficou a meio caminho da geração de ouro de Sócrates, Zico e Falcão, e das promessas de Careca e Müller. No meio-de-campo, o técnico Telê Santana trocou o brilho pela segurança, representada pelos dois volantes, Elzo e Alemão. Também preferiu a disciplina ao cortar o ponta-direita Renato Gaúcho, então o melhor jogador brasileiro em atividade. O fato fez com que o lateral-direito Leandro abandonasse a Seleção em solidariedade ao amigo Renato. Às pressas, saiu a convocação de Josimar, que acabou se tornando a grande revelação do Brasil. Marcou dois golaços e passou a ser chamado pela imprensa internacional de o novo Djalma Santos.

No ano da passagem do Cometa Halley, quem brilhou na Copa do México foi Diego Armando Maradona. O brilhante camisa 10 da Argentina, o único não traído pela sorte, ganhou sozinho o Mundial. Fez gols espetaculares, estava em ótima forma, aparecia em todas as posições do meio-de-campo para a frente. A Argentina, que começara desacreditada, era Maradona e mais dez. Contra a Inglaterra, pelas Quartas-de-Final, *"El Pibe"* começou marcando um gol de mão. Depois enfileirou cinco adversários, inclusive o goleiro Peter Shilton, e tocou a bola para fazer um dos gols mais belos da história. Essa partida tinha sido marcada por muita pressão. Jornais ingleses e argentinos usavam a Guerra das Malvinas — encerrada havia quatro anos — para aumentar a rivalidade. A Fifa negou o minuto de silêncio solicitado pelos argentinos em homenagem às vítimas do combate. "Ganhar da Inglaterra foi uma dupla satisfação", declarou o goleiro argentino Pumpido.

Embalada por essa vitória, a Argentina atropelou a Bélgica com dois tentos de Maradona na Semifinal. E, na disputa do título, contra a Alemanha, ele só não marcou. Mas cruzou para o gol do líbero Brown, lançou Jorge Valdano no segundo e deixou Burruchaga livre para fazer 3 x 2. Maradona, ou melhor, Argentina campeã.

Festa para Diego Maradona: a Argentina era ele e mais dez

O gol de mão de Maradona contra a Inglaterra: pressão

Zico perde o pênalti: a sorte traiu o craque

Teste seus conhecimentos

Vamos lá! É hora de ver a fita e responder a três questões:

1. O Chile deveria disputar uma vaga para a Copa de 1974 contra uma Seleção européia, que se recusou a jogar no Estádio Nacional, em Santiago, local de tortura da ditadura Pinochet. Qual era essa Seleção?

a) Alemanha Oriental.
b) Suécia.
c) União Soviética.

ALLSPORT

2. Qual foi a equipe que conquistou a Eurocopa de 1972?

a) Holanda.
b) Alemanha Ocidental.
c) Bulgária.

3. Quem era o capitão da Seleção Argentina, campeã mundial de 1978?

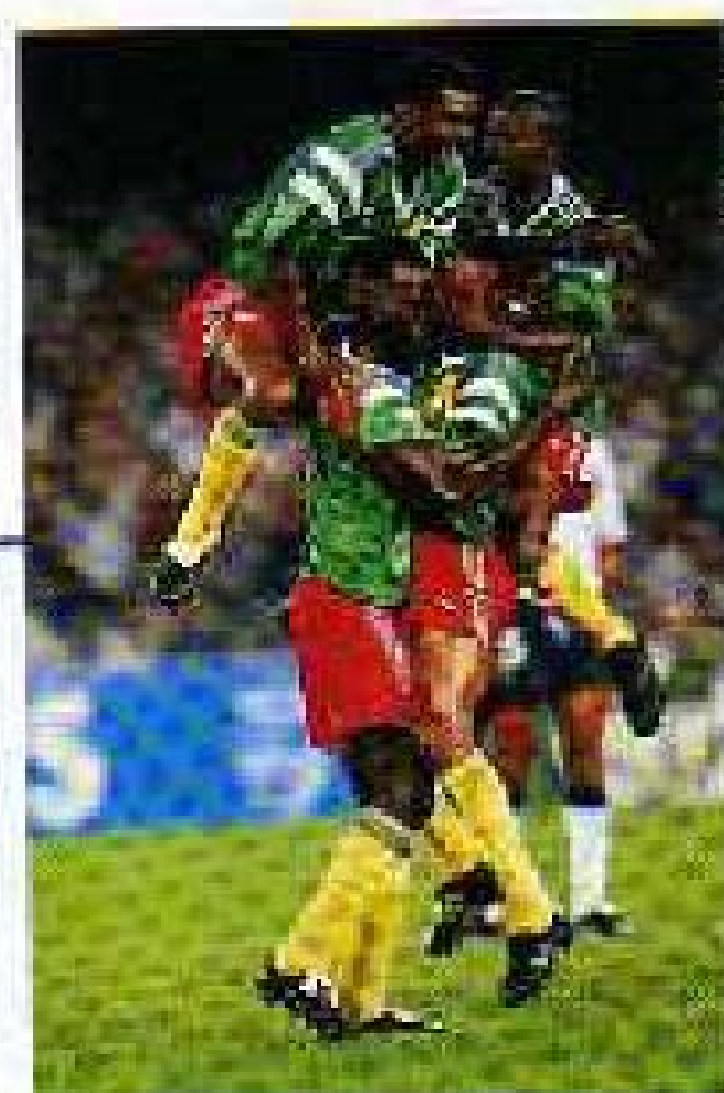
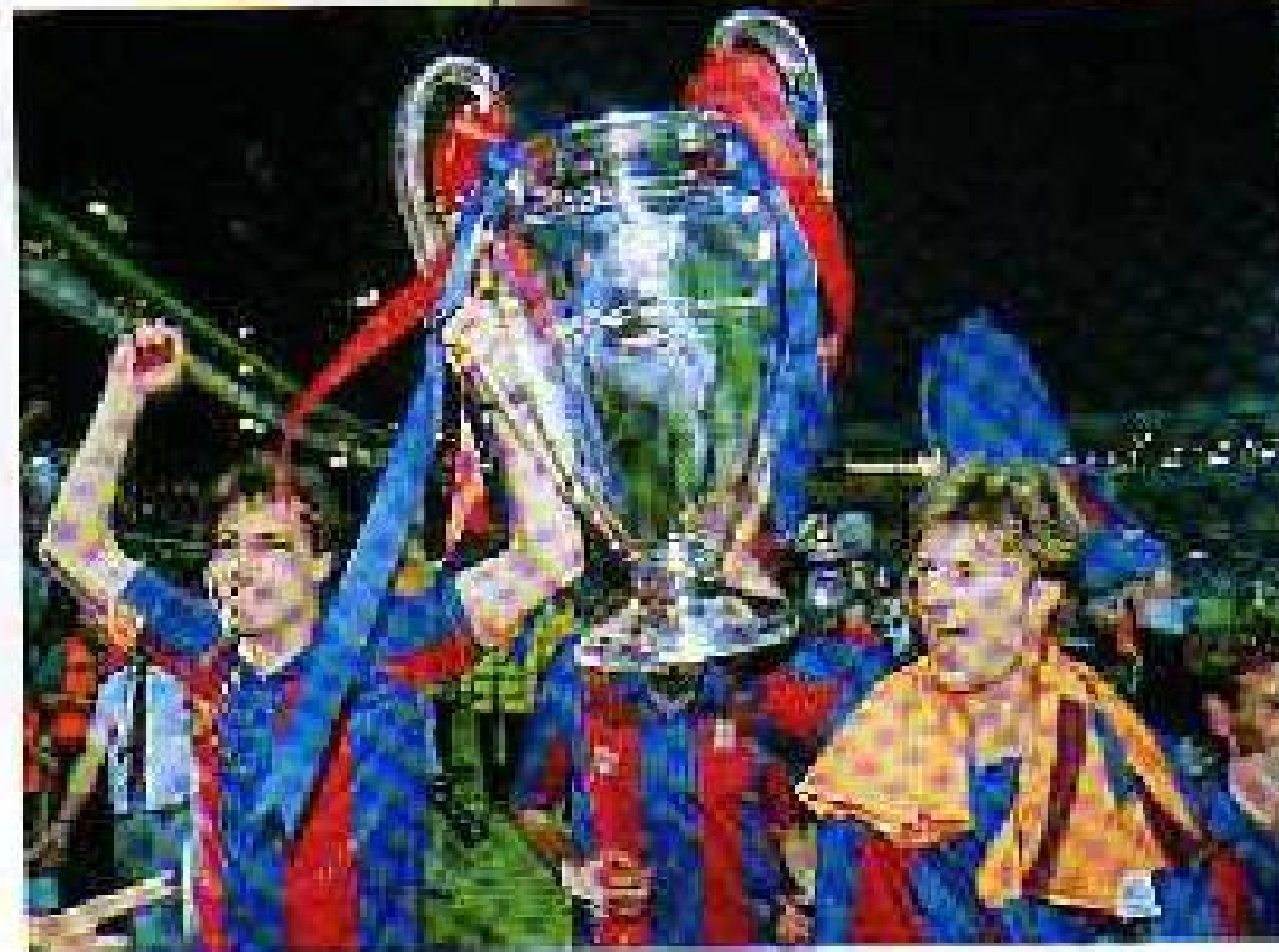
a) Maradona.
b) Fillol.
c) Passarela.

Respostas: 1 c; 2 b; 3 c

No próximo número

ALLSPORT

A explosão do futebol na África e nos Estados Unidos

Barcelona, a nova máquina de vitórias

ALLSPORT

ALLSPORT

As mulheres também entram em campo

Fundador:
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Egberto de Medeiros
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Editorial Adjunto: Mathias Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Milton Longobardi

Diretor Superintendente: Nicolino Spina

Diretor de Redação: Marcelo Duarte

Diretor de Arte: Silas Botelho
Redator-Chefe: Sérgio Xavier Filho
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Editores Seniores: Alfredo Ogawa, Luís Estevam Pereira
Editores Especiais: Amauri Barnabé Segalla, Celso Unzelte
Repórteres Especiais: Luísa de Oliveira, Rogério Dallon, Sérgio Garcia (Rio de Janeiro)
Repórteres: Christian Carvalho Cruz, Manoel Coelho
Subeditor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Repórter Fotográfico: Pisco Del Gaiso
Chefes de Arte: Adriana Nakata, Fabio Bosquê Ruy
Diagramadores: Luciano Augusto de Araújo, Rita Palon
Acompanhamento Gráfico: Luís Eduardo Alves, Rocélio Martins Rodrigues

Apoio Editorial:
Depto. de Documentação: Susana Camargo; Abril Press: José Carlos Augusto; Nova York: Grace de Souza; Paris: Pedro de Souza

Publicidade:
Diretora de Vendas: Thaís Chede Soares B. Barreto

Vendas São Paulo:
Executivos de Negócios: Cristiane Tassoulas, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo Amaral
Gerente de Agências: Moacyr Guimarães
Executivos de Contas de Agências: Ana Maria M.G. de Castro, André Chaves, Liliane Graciotti, Patrícia Trudes, Renata de Abreu Moreira
Gerentes de Marketing Publicitário: Elizabeth de Menezes Rocha, Simone de Souza
Vendas Rio de Janeiro:
Gerente de Publicidade: Leda Costa
Contatos de Agências: Célio Robledo, Lúcia Angélica

Assinaturas:
Diretor de Operações e Serviços: Antonio Almeida
Diretor de Vendas: William Pereira

Circulação:
Adriana Naves, Claudia Saadia (Assinaturas), Marcelo Jucá (Bancas, Promoções e Eventos)

Projetos Especiais:
Celio Leme

Planejamento e Controle:
Gláucio C. Gomes

Processos:
Gilson Del Carlo

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Regional: Marcos Venturosa
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Celso Marche
Representante em Portugal: Manuel José Teixeira

Presidência: Roberto Civita, Presidente e Editor; José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, Vice-Presidentes Executivos

Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Fatima Ali, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald, Placido Loriggio

COLEÇÃO
PLACAR
Zico, o
GALINHO
DO
BRASIL
10